

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia?**

**Marcello Felisberto Moraes de Assunção**

**Professor Visitante de Teoria e Metodologia da História (UNILA)**

**Pós-doutorando (USP)**

**[marcellofma@gmail.com](mailto:marcellofma@gmail.com)**

## **RESUMO:**

Pretendemos nesta apresentação explorar os diversos sentidos em torno da possível indisciplinarização do cânone da história da historiografia brasileira. Para isto discutiremos como a gradativa autonomização do campo da história da historiografia (ARAUJO, 2006; 2013) ainda não foi acompanhada, na maior parte das suas reflexões, por uma crítica do lugar epistêmico e geopolítico do conhecimento produzido no âmbito canônico. As reflexões sobre o giro ético-político (ARAUJO; RANGEL, 2015; RANGEL, 2017) e a discussão sobre as histórias indisciplinadas (AVILA, 2018; AVILA; NICOLAZZI; TURIN, 2019) fornecem certamente um aparato crítico para avançar na construção do que chamaremos aqui de uma ética da historicidade, mas para isto é preciso reconhecer o quanto o campo (ou comunidade) ainda é permeado, em seus objetos e seus agentes, por uma certa geografia do conhecimento extremamente delimitada. Em contrapartida concebemos que o estudo do pensamento afrodiaspórico e a crítica da branquitude fornecem elementos importantes para repor o cânone da história da historiografia sobre outras bases, desestabilizando a narrativa única sobre os ditos “interpretes do Brasil”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

A experiência afrodiaspórica, caribenha/latino-americana e dos “condenados da terra”, que foram enquadrados pelas políticas do tempo do historicismo como “outros”, são exemplos de uma possibilidade transversal de implodir o continuum do tempo “linear” e “homogêneo” (que refere-se Walter Benjamin em suas teses), seguindo o caminho de uma relação transcultural, ou como prefere Glissant, de uma *filosofia da relação* (GLISSANT, 2005) como crítica à verdade absoluta do ser e do Homem (com H maiúsculo) que é a origem do autocentramento e do ego moderno. Uma ética da historicidade – voltada para uma radical pluralidade do tempo e confrontadora das imagens hegemônicas produzidas pela história disciplinar – têm em conta que uma abordagem à fundo na “diferença” não é meramente produto e uma “concessão” benevolente de uma certa intelectualidade, predominantemente branca e da elite, que só muito recentemente se volta para estes temas, posto que historicamente quem têm feito uma “história à contrapelo” e confrontado o “cortejo triunfal” daqueles que “não tem cessado de vencer” são mesmo aqueles que foram e são sistematicamente derrotados e através de uma leitura crítica desta derrota são capazes de despertar a “centelha da esperança” que irrompe o tempo “vazio e homogêneo” da história disciplinar.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**